

Advento - 2º Domingo

Serra do Pilar, 4 dezembro 2016

**Derramai-vos, ó céus, sobre o mundo,
e da terra germine a salvação.
Já chegaram os dias do Reino,
os tempos do Reino do nosso Deus.**

Aquele que há de vir está connosco,
está vivo e vive entre nós.
Vimos a sua Luz,
conhecemos na terra os seus caminhos.

Meus Irmãos:

"Quando o Filho do Homem vier na sua glória, acompanhado por todos os seus anjos, há de sentar-se no seu trono de glória" (Mt 25,31). Mas então ninguém será interrogado pelas suas concepções estéticas, morais, políticas, económicas, sociais ou até religiosas. A sentença do tribunal desse rei dependerá única e exclusivamente da resposta a uma pergunta nua e crua que corre o mundo, desde o seu princípio até ao seu fim, extensiva a todas as pessoas de todos os tempos, povos, culturas e mesmo religiões, pergunta que atinge todas as dimensões da existência: 'Que fizeste do teu irmão?'" (Gn 4,9).

Confessemos, Irmãos,
que também a nós a fragilidade da situação
nos mete medo e aperta o coração!
Senhor, tende piedade de nós!

Reconheçamos que,
entre todos os que têm fome e sede de Justiça,
não somos dos que mais se apaixonam pela Atualidade!
Cristo, tende piedade de nós!

Quando os santos leem os "jornais"
e se deixam instruir pela Sabedoria que grita,
a Oração brota e a Esperança renasce!
Senhor, tende piedade de nós!

Oremos (...)

Dá, Senhor, aos Discípulos desta hora
o poder e a força dum renovado vigor
para nos entregarmos aos trabalhos e canseiras
da Obra a levar ao fim,
à luz da Chegada do teu Cristo.
Por Ele, o teu Cristo,
que acreditamos, esperamos e amamos,
na Unidade do Espírito Santo, derramado em nossos corações.
Ámen!

Leitura do Livro do Profeta Isaías (11,1/10)

Naqueles dias, sairá um ramo do tronco de Jessé, crescerá um rebento das suas raízes. Sobre ele repousará o Espírito do Senhor: espírito de sabedoria e de inteligência, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de [capacidade] de conhecer a Deus e de o levar a sério. Animado assim de seriedade para com Deus, [o rebento das raízes de Jessé] não julgará segundo as aparências nem decidirá pelo que ouvir dizer. Julgará os pobres com justiça, e com sentenças retas os humildes do povo. Com o chicote da sua palavra atingirá o violento e pelo sopro dos seus lábios exterminará o ímpio. Terá na justiça a faixa dos seus rins e na lealdade a cintura dos seus flancos. O lobo viverá com o cordeiro e a pantera dormirá com o cabrito; o bezerro e o leãozinho andarão juntos e um menino os poderá conduzir. A vitela e a urso pastarão juntamente, suas crias dormirão lado a lado; e o leão comerá feno com o boi. A criança de peito brincará junto ao ninho da cobra, e o menino meterá a mão na toca da víbora. Não mais praticarão o mal nem a destruição em todo o meu santo monte: o conhecimento do Senhor encherá o país, assim como as águas o fundo do mar. Nesse dia, a raiz de Jessé surgirá como a bandeira dos povos; as nações virão procurá-la e a sua morada será gloriosa.

Salmo responsorial (do Salmo 72)

**Nos dias do Senhor, nascerá a Justiça
e a Paz para sempre.**

Ó Deus, concede ao rei o poder de julgar
e a tua justiça ao filho do rei.
Ele governará o teu povo com justiça
e os teus pobres com equidade!

Em seus dias florescerá a justiça
e uma grande paz até ao fim dos tempos.
Ele dominará de um mar a outro mar,
do grande rio até aos confins da terra.

Leitura da Carta de Paulo aos Romanos (15,4/9)

Tudo o que foi escrito no passado foi escrito para nossa instrução, a fim de que a constância e a consolação que nos vêm pela leitura das Escrituras nos alimentem a esperança.

Que o Deus da constância e da consolação vos conceda terdes uns pelos outros as mesmas aspirações, a exemplo do Cristo Jesus, a fim de que, num só coração e em uníssono, glorifiquéis o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Acolhei-vos uns aos outros como Cristo Jesus vos acolheu, para glória de Deus. Digo-vos que o Cristo Jesus se fez ministro dos circuncidados em honra da Palavra dada por Deus para realizar as promessas feitas aos nossos pais. Por sua vez, as Nações glorificam a Deus pela sua misericórdia, como está escrito: *Eu te louvarei entre as Nações e cantarei a glória do teu Nome!*

Preparai o caminho do Senhor. **Aleluia!**

Endireitai as suas veredas. **Aleluia!**

Toda a criatura verá a salvação do nosso Deus. **Aleluia!**

Leitura do Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus (3,1/12)

Naqueles dias, chegou João, o Baptista. A sua voz fez-se ouvir no deserto da Judeia. Dizia: *Convertei-vos! O Reino de Deus está próximo!* Foi de João que falou o profeta Isaías, quando disse: *Eis que uma voz clama no deserto: preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas!*

João vestia-se com peles de camelo e tinha um cinto de couro à volta dos rins. Os seus alimentos eram gafanhotos e mel silvestre.

Jerusalém inteira e toda a Judeia, bem como gente de toda a região das margens do Jordão, vieram ter com ele, que os batizava nas águas do rio Jordão, confessando eles os seus pecados.

João viu que havia muitos Fariseus e Saduceus entre os que procuravam o seu batismo. Disse-lhes estas palavras: *Raça de víboras! Quem vos sugeriu fugir assim da cólera que está prestes a chegar? Não comeceis a dizer: 'Somos Filhos de Abraão!' Porque eu digo-vos que até destas pedras Deus pode fazer filhos de Abraão. Já o machado está na raiz das árvores: toda a árvore que não dá bom fruto será cortada e deitada ao fogo! Eu batizo-vos com água para vos levar à conversão. Mas aquele que vem depois de mim é mais forte do que eu e eu não mereço sequer levar-lhe as sandálias. Ele batizar-vos-á no Espírito Santo e no fogo! Já tem na sua mão a pá de joeirar para limpar a sua eira: juntará o trigo no seu celeiro, mas a palha, queimá-la-á num fogo inextinguível!*

Aleluia!

Homilia

*A porta mora à espera
De perfil se ensombra
E descansa*

*O degrau é paciência
O umbral anúncio
O silêncio é o lugar
Onde baterão as mãos*

Assim inicia Daniel Faria a *Explicação das casas*, articulação poética que nos coloca no exacto centro da dinâmica da história da salvação. No conjunto dessas composições, dispõe-se poeticamente a experiência do mundo como realidade suspensa, penúltima, tensa e de árdua captação:

[...]

A luz entra sempre de noite.

Não tinha nada donde vim. Aqui não encontrei

O que tive e a cadeira não serve o meu repouso.

Ainda não há lugar no mundo onde possa sossegar de tu não seres

O vazio que persiste à minha beira.

[...]

Entre a consciência de que «a casa vem das mãos para ficar desabrigada», ou que «mesmo no interior do quarto/ És o lado de fora da casa», e a declaração de uma esperança que o poeta recusa submeter à penúltimidade das coisas (*Sei bem que não mereço um dia entrar no céu/ Mas nem por isso escrevo a minha casa sobre a terra*), desdobra-se o sentido profundo do mistério do advento.

O advento, enquanto tempo litúrgico referido a uma história de salvação que se realiza em Jesus de Nazaré, não obedece à ritualidade cíclica do eterno retorno do mesmo, como se, em absoluto, não fosse mais do que um exercício dramático de representação de um tempo que se repete de forma monótona. É certo que o cristianismo está inscrito, também na sua disposição cultural, na dinâmica da história religiosa da humanidade, cuja trama ritual se tece, quase invariavelmente, de ciclicidade.

Há uma certa correspondência entre aquilo que cristãmente celebramos e o que, natural e culturalmente, percebemos e representamos da realidade que nos envolve. Há, por isso, uma certa correspondência entre a celebração dos mistérios cristãos e a das dinâmicas da natureza (solstícios, equinócios, sementeiras, colheitas, etc). Mas a percepção do tempo, que o cristão tem, altera por completo a ritualidade cíclica das coisas a que história religiosa da humanidade sempre se habituou, outorgando um sentido radicalmente diferente à celebração dos mistérios cristãos.

Sei bem que nos encontramos já um pouco cansados das *frases batidas*. Creio, no entanto, que é importante algumas delas revisitarmos, sempre que o sentido das coisas que dizemos e fazemos se encontre em perigo de confusão. Já ouvimos demasiadas vezes, provavelmente, o discurso *A Diogneto* (séc. II d. C.) e, muito concretamente, esta afirmação: «[Os cristãos] habitam pátrias próprias, mas como peregrinos: participam de tudo como cidadãos, e tudo sofrem como estrangeiros. Toda a terra estrangeira é para eles uma pátria e toda a pátria uma terra estrangeira». Para os cristãos dos primeiros tempos, ou para os discípulos da primeira hora, a vida era fundamentalmente um advento, um tempo em tensão, uma continuada espera. Nada, de resto, em descontinuidade com a dinâmica da história da salvação que, desde a consciência da fé de Abraão até à pregação do Baptista, passando pelas vozes proféticas de todos os exílios e êxodos, nos situa a todos numa continuada espera, permanente tensão, advento vital. Tal como dizia Eduardo Lourenço, a propósito desse ocidental combate cultural entre filosofia e poesia:

«A viagem é sem termo. Como Moisés, morremos à vista do que sempre buscamos. [...] Só a palavra poética é libertação do mundo. Em luta com a mastigação discursiva do mundo, ela descobre por rara e imerecida graça a passagem para esse Instante onde repousaríamos sempre, mesmo que a nossa marcha fosse mais vertiginosa que a luz. De repente estamos num continente novo e descobrimos que essa terra nos esperava há muito».

Quem serão os poetas para entrever, na opacidade das coisas, a transparência de todas elas? Não serão os profetas, de Isaías a João Baptista, poetas da transparência de todas as coisas? Quem é capaz, serão na loucura poética e profética, como o autor do Apocalipse, de afirmar ter visto «um novo céu e uma nova terra» (Ap 21, 1)?

Na sua lucidez, a um tempo louca e profética, o nosso Teixeira de Pascoas dizia com a convicção de um místico que «a poesia não está com os sacerdotes do templo; está com os Profetas do Deserto».

Que proximidade é essa de que fala João Baptista no deserto da Judeia?

O Baptista alerta para a necessidade de preparar a vinda, porque está próximo o Reino (cf. Mt 3, 1). Quando foi que deixámos de perceber que essa iminência do Reino nos há-de acompanhar sempre? Quando foi que nos deixámos seduzir pela segurança dos herdeiros, como os descendentes de Abraão (cf. Mt 3, 9)? Em que momento deixámos que essa consciência advéncia perdesse o horizonte da espera e a percepção da penúltimidade das coisas face à ultimidade do Reino? O que foi que nos seduziu tanto na ideia da *sociedade perfeita* para que nela deixássemos cristalizar a realização do Reino, numa identificação algo arrogante com a Igreja? Quando foi que nos esquecemos que Cristo é a

Porta e que *a porta mora à espera*? Quando foi que nos esquecemos que Cristo é o Caminho e que o que define o caminhante são as trinta milhas diárias, como eloquentemente dizia Clive Staple Lewis, no seu *Regresso do Peregrino* (1933)?

Para os cristãos dos primeiros tempos, ou para os discípulos da primeira hora, a chegada do Reino continuava próxima. Se daqui a um ano nos encontrássemos, escutaríamos a Segunda Carta de Pedro dizer o seguinte: «um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos, como um só dia. Não é que o Senhor tarde em cumprir a sua promessa, como alguns pensam, mas simplesmente usa de paciência para convosco, pois não quer que ninguém pereça, mas que todos se convertam» (2 Pe 3, 8-9).

Para os cristãos do nosso tempo, ou para os discípulos da vigésima quinta, a chegada do Reino continua próxima. Estou convencido de que um certo desânimo que a consciência do retardamento escatológico causou nos cristãos dos primeiros séculos, decorrente da incompreensão de que a proximidade é a da chegada, aliada à paz constantiniana percebida como libertação, conduziu a essa tentação eclesial de tomar por sociedade o que haveria de ser fundamentalmente percebido como comunidade.

A Igreja não é o Reino. A Igreja é o ensaio do Reino, o continuado ensaio do Reino. A Igreja é o advento do Reino. E será tanto mais Reino quanto menos Igreja quiser ser. Entenda-se: será tanto mais Reino quanto melhor for capaz de, como Abraão, se abandonar à Promessa do que virá. Viver à mercê da Promessa é viver à mercê da Esperança. Viver à mercê da Promessa e da Esperança, num continuado ensaio do Reino e em atitude adventícia, é a única forma de realização comunitária.

Dizia o poeta que *a casa vem das mãos para ficar desabrigada*. A comunidade, enquanto ensaio, é desabrigada e desarrumada, como qualquer casa habitada. Só os museus, no abrigo da sua arrumação, nos dão a ilusão da ultimidade das coisas, na sua pose hierática disposta numa cristalização climatizada do passado. Alguns museus são verdadeiramente interessantes e cumprem a função da memória histórica, fundamental para a leitura do tempo presente e para as possibilidades que o futuro nos abre a cada passo. Mas não são mais do que isso: casas desabitadas. A Igreja é comunidade, e não sociedade. A Igreja é advento do Reino, e não Reino. E será tanto mais Reino quanto menos Museu quiser ser. A Igreja, enquanto comunidade ensaiada do Reino, há-de ser como uma casa habitada, com uma porta que se abre, uma mesa que se põe e com a desarrumação que a visita de um amigo implica, sempre que se abre a porta e põe a mesa. E a Justiça, de que falam o Isaías da primeira leitura e o Baptista do Evangelho de Mateus, é a da porta aberta e da mesa posta, de quem verdadeiramente espera a entrada de quem nos possa desarrumar:

«O amor que se chama *caridade* que traduz o *Ágape*, é ele, o Amor de Cristo, que põe a Mesa que faz a Casa, e abre a Porta. Que os latinos traduziram pela bela palavra *cáritas*. A Caridade, que a Fé morta, falsa fé, má fé, enganou tantas vezes!... enchendo os pobres de esmolas, sem lhes restituir os bens que lhes pertencem. A Caridade é o Amor-que-encarece, amor que faz Justiça! do verbo *encarecer*, a pérola do Reino, pelo poder e força da Fé que nos justifica tudo o que somos, fazemos e dizemos: a Justiça do Reino dos Céus. Não é o amor dos olhos em branco dos misticismos, mas o Amor que abre os olhos e ama com *paixão*, a Paixão de Cristo!, os irmãos de Cristo, todos os homens com quem Ele se identificou começando pelos Irmãos mais pequeninos que têm e contêm a presença real e mais visível de Cristo. Amor que é comunhão, comunhão-de-Pessoas que fazem a comunhão-de-Bens». [Leonel Oliveira]

Preocupa-me, por isso, a compreensão museológica da Igreja, que também hoje vive obcecada com a arrumação da casa, fechando a porta, arrumando os pratos e oferecendo a quem nela vive o indispensável para a manutenção. Viver eclesialmente em Advento é viver com a porta aberta e a mesa posta. *Quem nos ensinou a escapar da Justiça iminente do Reino?* (cf. Mt 3, 7) Viver em Advento é viver à espera, com a porta aberta e a mesa posta...

(José Angélico)

Preces

Dá, Senhor, à tua Igreja, a Lucidez necessária para entender que o Amor cristão não se esgota na oferta de bens, antes se traduz em Fraternidade e se exprime em Serviço!

Rorate, cœli, desuper et nubes pluant iustum!

Dá, Senhor, à tua Igreja, a Lucidez necessária para entender que se ao irmão lhe faltarem roupas e comida e nós lhe dissermos "vai em paz, aquece-te e farta-te", mas não lhe dermos aquilo a que tem direito (Tg 2,15-16), estamos a matá-lo, como diziam os Padres da Igreja!

Dá, Senhor, à tua Igreja, a capacidade de perceber que foi a sério que disseste que quando não demos de comer a quem tinha fome foi a ti que deixámos morrer à fome!

Dá, Senhor, à tua Igreja, a Lucidez necessária para entender que a Caridade não se reduz a obras de misericórdia, mas tem de caracterizar a vida quotidiana de um cristão, que tem de ser sal da terra e luz do mundo!

Ofertório

Maranatha, Aleluia!

Vem Senhor Jesus,
Despertar o coração dos homens,
Iluminar as trevas deste mundo.
Deus de bondade e amor vem visitar os Teu Povo, **Aleluia!**
Sol de Justiça e Verdade vem despertar as nações, **Aleluia!**

Comunhão

**Povos que caminhais na triste noite,
o dia do Senhor já vai nascer!
Povos perdidos longe do caminho
é Deus o próprio Deus que vem salvar-nos!**

Já é tempo de levantar os olhos,
saudando alegremente o mundo novo.
Já é tempo de atirar para longe a flor
que em nossos dedos foi murchando.

Oração final

Oremos (...)

Deus da nossa Esperança,
que nos fizeste participantes do sinal do Pão,
que o é também de multiplicação,
concede-nos que, unidos na alegria e no amor do teu Cristo,
sejamos de facto Luz do Mundo e Sal da Terra,
como disseste que haveríamos de ser!
Por Jesus Cristo, teu Filho e nosso Irmão,
na Unidade do Espírito Santo!
Ámen!

Final

Preparai os caminhos do Senhor: **Maranatha!**
Vão chegar os dias do Reino: **Maranatha!**
Vem, Senhor Jesus: Maranatha!

LEITURAS DIÁRIAS

2.^a-feira: Is 35, 1-10; Sl 84; Lc 5, 17-26
3.^a-feira: Is 40, 1-11; Sl 95; Mt 18, 12-14
4.^a-feira: Is 40, 25-31; Sl 102; Mt 11, 28-30
5.^a-feira: Is 41, 13-20; Sl 144; Mt 11, 11-15
6.^a-feira: Is 48, 17-19; Sl 1; Mt 11, 16-19
Sábado: Sir 48, 1-4, 9-11; Sl 79; Mt 17, 10-13